

O COMPROMISSO DA EDUCAÇÃO
SEXUAL NAS ESCOLAS
NA ÓPTICA DOS EDUCANDOS

Monografia apresentada como requisito básico para a conclusão do Curso de Pós-Graduação (Lato Sensu) em Metodologia do Ensino a nível de Especialização, conforme convênio entre a Universidade Federal do Paraná e Fundação Educacional do Norte Catarinense.

MAFRA

1992

ORIENTAÇÃO:

Prof. Fábio José Rauen

Mestre em Letras/Linguística

CO-ORIENTAÇÃO:

Prof. Arlindo Costa

0 Mestrando em Educação e
Ciências

AGRADECIMENTOS

- Ao meu marido, por ter me dado apoio e incentivo em todos os momentos.

- Aos professores Fábio José Rauen e Arlindo Costa que leram e opinaram sobre o trabalho.

- À minha amiga e professora Arminda Isabel R. Pereira que questionou e com isso me ajudou a perceber as dúvidas.

- Aos alunos das 1^{as} séries do Colégio Estadual Barão de Antonina que contribuíram para o êxito desta pesquisa.

Quando lhe perguntaram o que era
mais difícil para o homem, o filó-
sofo grego Tales respondeu:
"Conhecer a si próprio".

SUMÁRIO

1.0 - RESUMO.....	1
2.0 - INTRODUÇÃO.....	2
2.1 - ENUNCIADO DO PROBLEMA.....	2
2.2 - OBJETIVOS.....	2
2.3 - JUSTIFICATIVA.....	3
2.4 - PREMISSAS.....	4
3.0 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
3.1 - UNIVERSO TEÓRICO.....	5
3.2 - CONCEITUÁRIO BÁSICO.....	16
4.0 - METODOLOGIA.....	18
4.1 - DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	18
4.2 - DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	18
4.3 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS.....	19
4.4 - DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS.....	19
4.5 - DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS.....	20
5.0 - ANÁLISE DOS DADOS.....	21
5.1 - TRATAMENTO DOS DADOS.....	21
5.2 - EVIDENCIAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	21
6.0 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	37
6.1 - CONCLUSÕES.....	37
6.2 - RECOMENDAÇÕES.....	39
7.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
8.0 - ANEXOS.....	42

1.0 - RESUMO

Este trabalho de pesquisa visou diagnosticar a visão que os alunos das 1^{as} séries do 2^o grau têm sobre sexualidade, pois percebe-se que se dá pouca relevância ao tema no 1^o grau.

Buscamos através de uma entrevista verificar a maneira que a escola vem trabalhando o tema e qual o conhecimento que lhes foi repassado nas aulas de Ciências no 1^o grau.

Através de questões fundamentais em conhecimentos científicos e questões abertas sobre sexualidade, pode-se concluir que a escola não está abordando, ao nível de 1^o grau, uma Educação Sexual voltada a fatores biopsicossociais, primando apenas na disciplina de Ciências, um conhecimento sobre morfologia e fisiologia, também repassados de maneira inadequada, o que dificulta a assimilação e contextualização desses conceitos.

Nota-se que os meios de comunicação estão na frente da escola no papel de informação, e que as relações entre professor e aluno não convergem para uma abordagem mais clara e abrangente sobre sexualidade.

É preciso que os professores revejam seu planejamento e priorizem com maior enfoque o tema Educação Sexual sob a óptica da realidade vivida pelo aluno, e não visão mecânica encontrada especialmente nos livros didáticos que tratam sobre o tema.

2.0 - INTRODUÇÃO

2.1 - ENUNCIADO DO PROBLEMA

Para fazer um trabalho junto a alunos da 1ª série do 2º grau, em relação à Educação Sexual é preciso ter em mãos um diagnóstico que aponte a metodologia desenvolvida por professores no 1º grau em relação ao tema; portanto, é necessário verificar qual o nível de conhecimentos adquiridos pelos mesmos, referentes a conteúdos vistos durante o 1º grau, sobre Educação Sexual. Uma vez que não se tem tal diagnose, este projeto visa fazê-la e, assim, sanar a problemática supracitada.

2.2 - OBJETIVOS

2.2.1 - Objetivo Geral

- DETERMINAR o grau de conhecimentos adquiridos no 1º grau, por alunos da 1ª série do 2º grau, no campo da sexualidade humana, nos seus aspectos fisiológicos e anatômicos.

2.2.2 - Objetivos Específicos

- CONFRONTAR os resultados da pesquisa realizada com os alunos, com sua própria realidade.

- VERIFICAR de que maneira a escola vem trabalhando Educação Sexual no 1º grau.

- VERIFICAR o grau de conhecimento dos alunos da 1ª série do 2º grau sobre sexualidade.

- ENUMERAR as principais críticas dos alunos à escola, no que tange à abordagem da Educação Sexual no 1º grau.

2.3 - JUSTIFICATIVA

Partindo da ligação fundamental entre sexo e amor, questão essencial, pois dela depende todo o conjunto da Educação Sexual; da experiência vivida dentro da sala de aula, tanto no 1º como no 2º grau; do entendimento que, 'teoricamente', os alunos da 1ª série do 2º grau do Colégio Estadual Barão de Antonina, já tiveram em casa e também no frequentar o 1º grau o seu aprendizado de Educação Sexual; pensamos, então, na necessidade de, abordando o assunto e, a partir da pesquisa, verificar que grau de conhecimento, e que visão de sexualidade e, até que ponto o que lhes foi ensinado no lar e nos bancos escolares tem influenciado nas suas experiências de vida.

Partindo também, do pressuposto de que no lar, pouco ou nada lhes é dito, de que a escola só trata da anatomia e da fisiologia e, quase que imperceptivelmente dos caminhos da sexualidade, vivemos a angústia de pensar que vemos realmente uma iniciação confusa desses jovens em termos de Educação Sexual, o que nos leva a crer na necessidade imperiosa de se a repensar, levando em conta, basicamente, cinco questões cruciais:

1. Quais devem ser os agentes da educação nesse plano?
2. Em que época da juventude devem eles interferir?
3. Como devem ser preparados?
4. Qual o conteúdo da mensagem a ser transmitida?

5. Que orientação seguir para que a Educação Sexual seja realmente construtiva e não caminhe numa direção que não seria senão a de uma visão deturpada e ainda veiculada a valores estereotipados.

Portanto, o que se pretende, nada mais é que o confronto entre a visão dos educandos e a sua própria realidade, sem temores, e também a tentativa do alcance maior da educação, que, nada mais é do que extrair de dentro do próprio indivíduo aquilo que ele traz consigo e que poderá ser aprimorado no seu dia-a-dia.

2.4 - PREMISSAS

Análise da abordagem da Educação Sexual levada a efeito no 1º grau, na visão dos educandos, tendo em vista:

- A maneira que a escola vem trabalhando a Educação Sexual no ensino de 1º grau.

- A opinião dos alunos sobre os conhecimentos recebidos na escola.

3.0 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 - UNIVERSO TEÓRICO

A Educação Sexual deve constituir-se na formação de uma mentalidade em que a perspectiva do amor supere a técnica da informação.

De acordo com Ernest Gordon, a atitude predominante dos jovens de hoje não é uma rejeição da moralidade, mas uma busca honesta de normas mais permanentes do que as que se fundam em medos e tabus.

A perspectiva do lar, que os jovens deverão construir, deveria ser a grande realidade a ser colocada diante deles; portanto, muito importante é nos afigurar 'o como educar os jovens para o amor'.

"Educar é favorecer o desenvolvimento de um espírito crítico para não aceitar passivamente e saber manejar as informações e conhecimentos que adquiriu em sua vida em prol do bem comum." (SOUZA, p.12)

Daí surgem os problemas gerados pelas dificuldades de relacionamento entre os adultos e os adolescentes (pais e filhos, professores e alunos). O que se verifica, é que pais e professores procuram ignorar a sexualidade infantil, confundem com a sexualidade adulta, tendo assim, dificuldade em lidar com suas manifestações.

Nesta configuração do problema, cumpre salientar dois fatos relevantes: o primeiro, é a dificuldade em se estabelecer um relacionamento válido entre adolescentes e adultos. Este relacionamento se faz numa perspectiva de negação e afirmação.

O filho, numa busca de auto-afirmação e de liberdade, adota de início uma atitude 'do contra', ele assim o faz porque liberdade conquista-se e porque, por ela é preciso lutar.

"... a liberdade sexual, sob a chamada 'nova moralidade', deve ser encarada pela juventude atual como um desafio à sua liberdade de escolha. E a liberdade de escolha, no setor do sexo, como em outros, encerra a necessidade de decidirmos por nós mesmos, sem a influência de temores antigos nem de pressões de hippies, qual o rumo que nos conduziria a uma vida mais fecunda e mais plena." (GORDON, p.16)

A autoridade paterna é, de início autoritária. Durante a infância, neste início de vida, o pai necessariamente não argumenta, nem explica, ele ordena e é obedecido. Entretanto, na adolescência o filho afirma-se, começa a adquirir uma potência interior, extravazando-a na puberdade espiritual. A autoridade paterna perde a força, e passa a ser contestada, surge o conflito aberto. É um abismo tremendo que se cava entre os dois; psicologicamente falando, parece ser de um século, apesar de que, cronologicamente, seja apenas de 30 anos.

O nosso adolescente, que vive em 1992, quer preparar-se para viver no ano 2000 e os pais querem segurá-lo nos moldes de 1892.

Dissemos 1892, porque a maior parte dos pais de hoje, foram educados por pais cujas perspectivas educacionais enraizavam-se em 1890. Esta é a realidade. Daí o atraso e as dimen-

sões do hiato.

Acrescente-se a isto, o fato de que, num país como o Brasil, o regime familiar reinante é o patriarcal, portanto, aberto o conflito, temos de um lado o filho, educado democraticamente, e, de outro, o pai, com sua resistência cristalizada numa mentalidade patriarcal.

Como educador, vivendo entre adolescentes, é mais fácil imbuir-se deles e criar uma nova dinâmica; porém, no lar, enfrentando situações mais pessoais, a dificuldade para os pais é bem maior. O exercício da paternidade é tarefa realmente difícil.

O educador sexual deve estar consciente da beleza e da dignidade do sexo. Do respeito e da responsabilidade, livre de culpas e de misticismo. Deverá ter estabilidade existencial, respeitar os grupos sociais sejam de acadêmicos, humildes, ignorantes, de religiões com diferentes posicionamentos. Lembrar que a sexualidade serve para o crescimento da pessoa e da sociedade, está intimamente ligada ao prazer, ao afeto, à comunicação com o parceiro e à reprodução, e que cada pessoa tem o direito de escolher sua conduta sexual. (SOUZA, 1991. p.40)

Nesse hiato cronológico e neste abismo psicológico, o jovem sente o desencontro, mas não consegue superá-lo. Ele ignora tudo da vida, ignora essa discrepância. O filho não sabe que nada mudou. O pai, por saber que no fundo o problema do amor é sempre o mesmo, passa a considerar a questão como no seu tempo... A única opção do filho nesta situação, sua tendência natural, no caso, é acusar o pai de 'atrasado'. Essa distância precisa ser vencida de pai para filho, de lá para cá. Mas na realidade, o que ocorre é o contrário: o pai espera que

o filho venha até ele, quando o que deveria ocorrer é que o pai fosse em direção ao filho. O pai deveria renovar-se, alcançá-lo e, juntos, seguirem para frente.

Da mesma maneira há um conflito natural entre professores (igualmente representantes do passado) e alunos, em prol de um futuro, mas que se dá num presente. Este fator explica o problema, mas há necessidade de uma renovação profunda, tanto no espírito do mestre, como em seus métodos pedagógicos.

Os jovens deste fim de século querem uma pedagogia dinâmica, participada, vital, orgânica, rigorosa, adaptada, ou o ensino será rejeitado por eles.

"Os professores com seu contato direto com os jovens, estudando e se preparando, poderão ajudar a nossa juventude a ser mais feliz com a sua sexualidade, a conviver melhor com seu sexo." (SOUZA, 1991. p.41)

Passou a época em que os estudantes suportavam, sem dizer uma palavra, um curso aborrecido. Esta juventude, que está acostumada a criticar o programa ao qual assiste na TV e a mudar depressa o canal, caso julgue o espetáculo sem interesse, não está disposta a aguentar a monotonia. Ela quer alguma coisa que se mexa como na imagem televisionada, alguma coisa que mude de lugar e seja preciso seguir com toda a atenção. A fala morosa de seu mestre lhe é insuportável, a exposição estática, apresentada pensosamente, não penetra seu espírito, a preleção monótona, provoca repulsa. É preciso que o curso seja estimulante, que solicite vivamente o espírito, que suscite uma verdadeira permuta entre o mestre e o aluno. O ensino estático não acha mais ouvintes.

Não basta, entretanto, que o ensino seja dinâmico, deve ser também participado. A escola do passado era o reino da pas-

sividade. O silêncio era aí regra absoluta. Havia de um lado o professor soberano, dominador, que dispensava o favor de seu saber aos alunos que só tinham que receber preciosamente as luzes de seu conhecimento, as migalhas de sua sabedoria. Os papéis estavam nitidamente definidos: o mestre dava, os meninos recebiam. De um lado, uma atividade exclusiva; de outro, uma submissão silenciosa. E continua sendo o quadro clássico das relações entre professores e alunos.

Por isso não se deve estranhar que a nova geração, mais crítica, menos passiva, irreverente com as tradições, requeira participação no 'processo' escolar. Desde já, há algum tempo, o termo está em voga. Mas, mais do que um modismo, ele traduz uma aspiração profunda e incoercível dos jovens que querem ser parte eminentemente ativa da escola. Não querem mais ficar silenciosos diante de um professor que escutam boquiabertos. Exigem o fim do ensino magistral e sua substituição por certa maiêutica moderna, que dê lugar a uma explosão de atividades mentais da parte do auditório.

Rompeu-se o quadro antigo: o professor deve estar agora literalmente no meio de seus alunos, procurando com eles penetrar na proposta e construir uma resposta com os elementos que eles fornecem. A época das dissertações pré-fabricadas está finda. De certo modo, poder-se-ia dizer que uma hora de aula é atualmente um 'happening' intelectual, do qual todos participam com o ardor de uma pesquisa em comum. Os jovens exigem com razão, ser realmente os agentes de sua educação.

Outra modificação importante: o ensino, de abstrato que era, tende a tornar-se vital. A escola era outrora um universo à parte, uma espécie de mundo fechado à realidade que funcionava lá fora. Por isso, saía-se dela desorientado diante de um

universo que nada tinha de comum com aquele em que se passara a infância e a adolescência. Havia desentendimento entre o que se aprendera e o que se devia viver. O ensino, estritamente cerebral, prendia-se a problemas abstratos e ficava puramente conceptual. Saía-se com a cabeça cheia de idéias, que se procurava aplicar, de qualquer forma, à realidade da vida. Dessa pedagogia, afogada na abstração, nascia um saber alienado, isto é, desligado do indivíduo e fora dele, estranho à vida e indiferente a ele.

Este modo de levar a educação já não satisfaz aos principais interessados: os estudantes. A escola não é somente o lugar do aprendizado das letras e das ciências; deve também preparar para a entrada na vida. É preciso, pois, voltar ao concreto, isto é, ao que é a realidade.

Diríamos até, que não só a escola deve preparar a entrada na vida, mas deve ser vida.

Ela não constitui num mundo à parte, hermético e asséptico, a custa de isolamento. Ela é parte da cidade, integrada plenamente à realidade e orientada para a vida, tal qual ocorre neste instante da civilização. Para que a escola seja um centro de educação, ela não pode limitar-se a reproduzir conceitos, a abarrotar o cérebro de informações livrescas, a propor uma aritmética da existência. Tudo isto seria inútil, se não houvesse abertura para a vida e se o jovem não estivesse, desde então, na realidade.

"...o adolescente já não admite, como há vinte ou trinta anos atrás, a manutenção de um estado de silêncio que mais esconde desconhecimento e ignorância. Deseja participar e ser aceito em todo processo de vida familiar e isso contribuirá muito para o seu crescimento e amadurecimento pessoal." (COSTA, p.12)

Quem não percebe quanto isto é importante, no que diz respeito à Educação Sexual na escola?

Aderir às realidades vitais é indispensável. Assim, neste campo tão difícil e de tão delicadas conseqüências, haverá necessidade de uma renovação pedagógica. É evidente que não se trata de uma pedagogia 'prática' ou experimental, no seu senso pejorativo. Mas trata-se de uma pedagogia que leva em conta a vida e que corresponde aos problemas vividos pelos jovens; por exemplo, ignorar a realidade da pílula, da AIDS, das doenças sexualmente transmissíveis, da permissividade sexual e suas conseqüências objetivas, seria ignorar a vida.

É primordial o ensino no plano da Educação Sexual, como no caso dos pais, superar o conflito com os adolescentes e que estes sejam preparados de verdade para a vivência sexual, onde percebem nitidamente o significado e as dimensões desta. Se pais e mestres estiverem mais perto dos jovens, poderão exercer uma influência sadia e das mais valiosas. Tendo sublinhado este primeiro fato: imperativo de presença ativa, dinâmica e ligada por parte dos pais e dos mestres, devemos agora, insistir sobre um segundo fato, também fundamental, numa outra perspectiva: a vocação do adolescente para o amor.

Não só o adolescente, mas todo homem tem uma vocação para o amor. Entretanto, o adolescente está em vias de 'lançamento', precisa entrar em órbita para se realizar.

"Aproveitar as oportunidades não é forçá-las e muito menos transpor e tom confidencial que deve acompanhar sempre os esclarecimentos necessários." (SEQUEIRA, p.8)

Educar os jovens para o amor não deveria ser uma questão extraordinária, é apenas um problema natural. Ao fundar um lar, nascido do amor, ele só se realizará e sobreviverá ao se abrir

para o amor. Precisamente no fim da adolescência é que essa realidade se manifesta e, de uma forma geral, os adultos pretendem ignorar esse amadurecer e continuam a tratá-los como crianças, despejando sobre os jovens frementes de novos anseios todo o peso de sua autoridade. Abafam-nos, desconsideram-nos e então surge a revolta. A compreensão dos pais de que o amor é um imperativo normal e, portanto, um condicionamento indispensável para que o ambiente do lar seja sereno e para que as relações pais adultos sejam positivas. É preciso que os pais aceitem envelhecer para que os filhos cresçam, desabrochem e atinjam a maturidade. É preciso um abrir de caminhos para que eles nos ultrapassem.

Nesta vocação de amor, para que não tropecem, nem se enganem, nós, os educadores, temos de prepará-los. Urge que estejam bem formados para que em liberdade possam dizer o 'sim' do futuro.

"Dentro desta perspectiva, tem de levar desde o primeiro momento à idéia de que o sexo só alcança o seu sentido quando conduz a pessoa ao dom de si mesma no amor. O amor não pode ser entendido de maneira empobrecida e reduzida, relacionado unicamente com o corpo e o prazer egoísta, mas como atitude amadurecida, que leva a dar-se e não a procurar-se."
(SEQUEIRA, p.50)

Educar bem não consiste em dar carreira profissional, nem outorgar diplomas. Diplomas há, que significam, muitas vezes, alto gabarito profissional, mas baixíssimo gabarito humano... Assim é, portanto, definida a pergunta que todos os pais e educadores devem se fazer: como orientar nossos adolescentes para o amor?

Esta problemática poderá ser equacionada nos seguintes

pontos principais:

- 1º) a evolução da criança no sentido do amor;
- 2º) a evolução sexual;
- 3º) a perturbação da nossa escala de valores;
- 4º) a orientação segura e serena;
- 5º) condições para que os adolescentes sejam verdadeiramente preparados para o amor e sua vivência sexual.

Em todo tipo de amor, há uma atração de um indivíduo por outro, com forte sentimento de identificação e devoção. Todo mundo tem seu próprio jeito e todos devem ter liberdade de segui-lo. Existem milhares de caminhos para o amor. Cada um descobrirá sua própria maneira de ouvir a si próprio.

Amar nunca é fácil e o homem que se decidiu a viver o amor está sujeito a encontrar muitas barreiras ao seu crescimento no amor. Mas se analisá-las cuidadosa e astutamente, será capaz de descobrir que são barreiras artificiais e em sua maioria criadas por ele mesmo. Na verdade, elas não existem. São em sua maior parte, simples desculpas para não aceitar o desafio do amor. O homem que capitula perante esses obstáculos condena-se a ser eternamente muito menor do que um ser humano pode ser. (BUSCAGLIA, p.96)

As pessoas que têm medo de modificações encontram obstáculos para o amor. Esses obstáculos são criados pelo homem. Principalmente para amar é preciso se expor e essa decisão é de responsabilidade de cada um de nós. É necessário ter confiança para amar, a pessoa de pouca confiança será de pouco amor.

Seremos felizes quando nos entregarmos a capacidade de amar. Quando desenvolvemos a potencialidade de amar, é quando amamos realmente.

O amor necessita da liberdade, o homem crescendo no amor

descobrirá seu próprio caminho e sua própria direção para o mesmo. Este sentimento não pode ser capturado nem preso a nada. Ele requer liberdade para crescer. Se o amor deseja tomar outra direção, ele o faz e não haverá nada que consiga detê-lo. É preciso respeitar esses preceitos, pois ao contrário não é amor, é o ego ferido.

"O amor é amor". (BUSCAGLIA, p.77) Cada ser tem um modo inerente de expressá-lo. E isso se faz em cada estágio de crescimento.

Amor e sexo: embora um não seja o sinônimo do outro, uma gratificação sensual, em graus variados, seja uma parte do amor. Alguém que ama profundamente deseja sempre uma forma de gratificação sexual.

Para que a sexualidade não se torne desumana é preciso amor. A sexualidade humana, que não pode ser reduzida a uma atividade biológica, deve apresentar-se de forma liberta para ser vivida na dignidade do amor.

"...O amor é o maior estimulante sexual tanto para os homens quanto para as mulheres. Se um amigo do sexo oposto lhe toca, é provável que você não tenha nenhuma resposta sexual. Mas se uma pessoa por quem você está apaixonado ou sente 'atração', toca sua mão, que seja, basta para que você se sinta sexualmente excitado." (TOCKUS, p.24)

O relacionamento sexual entre duas pessoas se tornará mais aberto, fácil, sem culpas e mais prazeroso se for baseado no amor.

"O amor está sempre de braços abertos. Se você se fecha sobre o amor, descobrirá que ficou segurando apenas a si próprio." (BUSCAGLIA, p.76)

Urge, portanto e também, dar-lhes uma educação sexual esclarecida, inteligente, evitando as obsessões neuróticas, apresentando-lhes a realidade sexual com serenidade, com maior naturalidade e numa perspectiva de total verdade, não apenas verbal, mas vital, vivida. Para dar um sentido de dignidade do seu corpo, da dignidade do amor, é imprescindível que a sua vida, a sua sexualidade sejam vividas com dignidade, porque o jovem que entra na vida cansado de asneiras passadas, herdadas dos pais, já está comprometido na futura qualidade de sua existência.

"O que é importante para os jovens é que as atitudes diante do sexo sejam tomadas cedo para que eles não utilizem mal sua nova liberdade, destruindo assim sua oportunidade de felicidade. O amor, para perdurar, deve ser construído sobre a verdade, e não sobre um sonho. E isso significa compreender o sexo, a sexualidade e as simples relações entre as pessoas." (GOODSELL, p.06)

Educação formal é oferecer conhecimentos que tornem compreensíveis os fatos e fenômenos sexuais, físicos, fisiológicos, psicológicos, sociais, emocionais e afetivos que ocorrem com o ser humano. A Educação Sexual formal é feita por meio de palestras, cursos direcionados e tem cunho científico.

"A informação protege, dá segurança e futuramente dará melhor ajustamento sexual. Clareia a mente, afasta o medo e cria elos afetivos. Dá tranquilidade emocional e paz de espírito, pois a inquietude é desgastante, seja para criança, seja para o adulto." (SOUZA, 1991. p.23)

A Educação Sexual não cumpre seu requisito ao ser realizada dentro de uma educação global, durante a formação da personalidade. A escola, num esquema que substitui a família, não

conseguirá indivíduos que exerçam idealmente sua sexualidade. Terá porém oferecido aos educandos melhor entendimento e mais abrangente compreensão do problema, o que permitirá que no futuro possam lidar mais livremente com sua sexualidade e com seus filhos.

As exposições devem atender às expectativas imediatas do aluno e não se ater à terminologia técnica e desconhecida.

A ausência de envolvimento emocional com o educando favorece para o professor transmitir informações novas e a imparcialidade na análise do comportamento do educando.

"Os elementos educadores devem periodicamente reavaliar suas condições de informadores sexuais. É indispensável que haja estímulo e condição para o educador continuamente ampliar seus conhecimentos sobre sexualidade humana."
(CONCEIÇÃO, p.31)

Para que essas informações sejam transmitidas aos educandos, os professores precisam reciclar seus próprios conhecimentos para se desbloquearem ou desinibirem. O professor bem preparado não emite normas de conduta, mas orienta sobre o que o educando tem necessidade de aprender.

3.2 - CONCEITUÁRIO BÁSICO

- Aspectos Biopsicossociais: mudanças e os sentimentos despertados nos jovens pelas transformações biopsicossociais, características da puberdade e da adolescência, estão ligados ao desenvolvimento físico, motor, hormonal e anatômico; ao recrudescimento do impulso sexual; à busca de identidade de autoafirmação e ao desenvolvimento do pensamento abstrato.

- Educação Sexual: é oferecer condições para que um ser assuma seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livre de medo ou culpa, preconceito, vergonha, bloqueios ou tabus.

- Obsessões Neuróticas: são idéias que, repudiadas pela consciência do sujeito como estranhas ou absurdas, tomam-na de assalto e aí se fixam torturantemente. Se o conteúdo obsessivo de um ato (ou idéia de fazer algo impróprio, contrário à consciência), diz-se que há uma compulsão.

- Sexualidade: sob a óptica psicanalítica, não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.

- Vivência Sexual: a criança vai adquirindo informações pela própria percepção do ambiente em que vive, seja no lar, na escola, na rua, através dos meios de comunicação. Sendo os pais os primeiros educadores sexuais de uma criança, são seus modelos de conduta masculino e feminino: ensino através de suas atitudes o que é ser homem ou mulher, pai ou mãe.

4.0 - METODOLOGIA

4.1 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

O trabalho aplicado foi um projeto de pesquisa de campo, realizado em 3 turmas do Colégio Estadual Barão de Antonina, perfazendo um total de 118 alunos.

As classes são consideradas heterogêneas, quanto ao nível de aprendizagem, sendo a maioria dos alunos com idade de 14 a 15 anos. São alunos oriundos de vários bairros da cidade.

4.2 - DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA

4.2.1 - População

A área de abrangência do presente estudo pertence à região da 8ª SERE, no Município de Mafra, envolvendo alunos das 1ªs séries do 2º grau do Colégio Estadual Barão de Antonina.

4.2.2 - Amostra

Alunos das 1ªs séries do 2º grau:

- 1ª série A - 43 alunos
- 1ª série B - 37 alunos
- 1ª série C - 38 alunos

Séries	Feminino						Masculino					
	13	15	16	17	18	19	13	15	16	17	18	19
1ª A	37		4		2		-		-		-	
1ª B	23		4		2		5		3		-	
1ª C	20		2		3		13		-		-	

Tipo amostral: aleatória simples.

4.3 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.3.1 - Da Pesquisa Bibliográfica

- a) Busca de material de pesquisa.
- b) Seleção do material de pesquisa.
- c) Estudo do material selecionado.
- d) Elaboração da fundamentação teórica.

4.3.2 - Da Pesquisa de Campo

- a) Elaboração da entrevista.
- b) Testagem piloto com alunos da 1ª série E.
- c) Aplicação da entrevista nas três séries: A, B e C.
- d) Tabelação e agrupamento das respostas.
- e) Análise dos dados.
- f) Redação definitiva do documento resultante da pesquisa.

4.4 - DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Para o registro dos dados foi elaborado um questionário (em anexo) sobre questões referentes aos objetivos propostos.

4.5 - DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

O trabalho foi realizado através de entrevista respondida individualmente pelos alunos durante uma aula.

5.0 - ANÁLISE DOS DADOS

5.1 - TRATAMENTO DOS DADOS

As respostas obtidas foram organizadas estatisticamente, em tabelas e agrupamentos, por percentual, através de respostas descritivas.

5.2 - EVIDENCIAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quadro I - Estrutura Etária dos Alunos

Faixa Etária	Nº de Alunos	Percentual
13	3	2,54%
14	49	41,53%
15	46	38,98%
16	9	7,63%
17	4	3,39%
18	4	3,39%
19	3	2,54%
Total	118	100,00%

Quadro II - Estrutura dos alunos por sexo:

Sexo	Nº de Alunos	Percentual
Feminino	86	72,88%
Masculino	32	27,12%
Total	118	100,00%

Tabela I - Órgãos que compõem o aparelho reprodutor masculino:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Corretas	23	19,49%
Suficiente	80	67,80%
Insuficiente	15	12,71%
Total	118	100,00%

Através dos dados coletados observou-se que: 23 alunos responderam corretamente, dentro dos critérios mas não colocaram o "epidídimo", supõe-se por ser pouco abordado.

80 alunos responderam de forma suficiente, demonstrando que a grande maioria dos adolescentes já tem fixado os nomes do aparelho reprodutor masculino. 15 não possuem o conhecimento suficiente sobre eles.

Eis os nomes apresentados e seus respectivos escores:

- Pênis (118)
- Testículos (70)
- Saco escrotal (43)
- Uretra (28)
- Próstata (25)
- Canais deferentes (22)
- Espermatozóides (7)
- Bexiga (4)

- Vesícula seminal (4)
- Trompas (1)
- Ovário (2)
- Esperma (1)
- Útero (1)
- Cabeça (1)

Tabela II - Órgãos que compõem o aparelho reprodutor feminino:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Corretas	73	61,86%
Suficientes	31	26,21%
Insuficientes	14	11,87%
Total	118	100,00%

A grande maioria respondeu corretamente, o que leva a crer que os órgãos femininos são mais conhecidos, por serem mais citados em conversas, veículos de comunicação e outros, assim como devido a sua relação com a gestação.

31 alunos possuem conhecimento suficiente e, 14, responderam insuficientemente. Mais uma vez o fator principal é a falta de conhecimento dos termos técnicos utilizados para designar órgãos, glândulas e demais partes do aparelho reprodutor feminino.

Eis os nomes apresentados e seus respectivos escores:

- Vagina (114)
- Uretra (8)
- Ovário (81)
- Grandes lábios (7)
- Útero (81)
- Pequenos lábios (7)
- Trompa de Falópio (40)
- Ânus (5)
- Trompa (17)
- Hímem (4)
- Óvulo (14)
- Lábios (2)
- Vulva (9)
- Vesículas/Clitóris (1)

Tabela III - Como se chama o gameta masculino (σ) e onde é produzido:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Corretas	52	44,07%
Incompletas	44	37,29%
Erradas	22	18,64%
Total	118	100,00%

Pelos dados tabulados constata-se que a maioria dos alunos respondeu corretamente, tendo em vista a gama de informações veiculadas. O restante das respostas entre as incompletas e as erradas, justificam-se pelo fato de que parte da amostra é do sexo feminino e que o conhecimento obtido, através do senso comum, concorrem com as informações científicas, distorcendo a compreensão sobre sexualidade.

Eis as respostas coletadas:

Gameta σ	Órgão Produtor	Percentual
Espermatozóide	Testículos	70,27%
Masculino	S/resposta	18,92%
Esperma	S/resposta	10,81%

Tabela IV - Como se chama o gameta feminino (♀) e onde é produzido:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Corretas	52	44,07%
Incompletas	47	39,83%
Erradas	19	16,10%
Total	118	100,00%

Em relação à tabela anterior, quanto ao número de respostas corretas, o percentual é o mesmo, mas nas respostas incompletas e erradas, o número diminui, o que reforça a opinião que os órgãos femininos são mais conhecidos.

Eis as denominações amostradas:

Gameta ♀	Órgão Produtor	Percentual
Óvulo	Ovários	72,22%
Feminino	S/resposta	15,28%
Ovário	S/resposta	12,50%

Tabela V - O que é fecundação e onde ocorre:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Corretas	46	38,98%
Incompletas	50	42,37%
Erradas	22	18,65%
Total	118	100,00%

Pela análise desta tabela, nota-se o baixo conhecimento sobre fecundação e onde ela ocorre, o que se conclui é que há maior conhecimento dos órgãos do aparelho reprodutor quanto a sua morfologia do que sua fisiologia.

As respostas apresentadas foram:

- é a união do espermatozóide com o óvulo no interior das trompas (46);
- é a geração de uma nova semente, ou animal ou pessoa;
- é a união dos corpos humanos (2);
- é a formação do embrião, um novo ser, ocorre no útero (2);
- é o período onde dois seres fecundam para produzir outro ser e ocorre no útero;
- é o processo que ocorre para formar um ser e ocorre no útero;
- acasalação e ocorre no útero;
- é a união do esperma e do óvulo, ocorre no útero;
- ocorre no ovário da mulher (2);
- é a geração de um ser, ocorre no ovário;
- são as trompas, ocorre no útero;
- é o desenvolvimento do embrião na trompa uterina;
- é o encontro dos órgãos sexuais formando o feto, ocorre no ovário;
- ocorre quando o esperma penetra no óvulo;
- é a união do sêmen e do ovário no útero;
- é a relação sexual;
- é a união das trompas com o óvulo e o espermatozóide;
- é o óvulo fecundado de onde mais tarde se dará o feto;
- é a ovulação com o espermatozóide;
- é a fusão do espermatozóide e ocorre no útero.

Tabela VI - Como se adquirem as doenças sexualmente transmissíveis:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Corretas	99	83,90%
Erradas	14	11,86%
Não responderam	5	4,24%
Total	118	100,00%

Pelos dados obtidos, constata-se que 99 alunos responderam corretamente. Esse resultado provavelmente é decorrente das campanhas de prevenção da AIDS veiculadas nos meios de comunicação e que na profilaxia coincide com as das doenças.

Uma vez discutidos os dados das questões de números 1 a 6, passou-se às questões de 7 a 13. Os resultados gerais podem ser vistos a partir da análise de cada questão, como segue:

Tabela VII - A escola fornece a você subsídios para uma educação sexual plena:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Não	52	44,07%
Sim	23	19,49%
Algumas vezes	33	27,97%
Não responderam	10	8,41%
Total	118	100,00%

Dentre os 52 informantes que responderam "não", 21 atestam que os professores têm vergonha de comentar o assunto, 13 acham que os professores não estão preparados e 8 responderam que a escola é muito fechada.

Pela análise dessa tabela, conclui-se que na maioria das vezes, o professor dificilmente consegue fazer uma abordagem plena do tema educação sexual, abordando mais a parte anatômica e fisiológica do que questões psicológicas, morais, emocionais, entre outras. A outra questão que justifica esse número de respostas está relacionada à fragmentação das unidades de conteúdos, uma vez que na 5ª série se trabalha a parte da Botânica, 6ª série Zoologia, 7ª série o corpo humano e na 8ª série Química e Física.

Quanto à preparação dos professores, durante sua formação acadêmica, não foram privilegiados em receber aulas sobre o assunto, escassez de cursos de aperfeiçoamento e a carência de leituras sobre o tema. Tais indicadores contribuem para que o professor seja omissos a esse tema; além de seus traumas e tabus.

A escola ainda é vista como um lugar em que só o professor e diretor falam, e muitos alunos encontram dificuldades em conversar abertamente, com estas pessoas, o que torna o relacionamento sem diálogo.

Entre os 23 entrevistados que responderam "sim": 10 disseram que o tema é explicado abertamente, através de textos, 13 disseram que a escola dá informação através de gravuras.

Analisando os que responderam através de textos e gravuras, chega-se à conclusão de que eles estão acostumados a receber informações prontas e a não utilizar o seu espírito crítico. Isto os torna passivos diante de uma realidade cada vez mais dinâmica.

Entre os 33 alunos que disseram "algumas vezes", 15 atestam que o tema é abordado somente por uma disciplina, 10 acham que o assunto só mostra a parte fisiológica e 8 responderam que o tema é explicado através de livros educativos. Aqueles que afirmam que o tema é abordado somente por uma disciplina mostram a falta de integração, o que torna o ensino compartimentado, isto é, cada professor cuida de sua disciplina e com isso prejudica o aluno. Talvez por ser um tema "tabu", muitos professores sentem-se inibidos para abordá-los, transferindo o problema para a disciplina de Ciências Físicas e Biológicas.

Os que responderam que a parte fisiológica é mais enfatizada demonstram que é mais fácil para o professor enumerar órgãos e suas funções do que discutir suas conseqüências, a partir do momento em que entram na puberdade, isto é, atração pelo sexo oposto, desejo sexual e outras.

Os livros educativos ainda são a base para muitos terem orientação sexual, contudo muitas vezes eles são elaborados de forma pouco didática até mesmo com informações errôneas. Percebe-se claramente que dentro desses livros didáticos está inculcada uma ideologia e há um currículo oculto. Questões polêmicas no que tange à sexualidade, tais como aborto, virgindade, e outras, não são abordadas pela Escola. O Sistema produz também um professor alienado e preso ao livro didático, trabalhando portanto somente com a morfologia e fisiologia.

Dez alunos não manifestaram opinião por uma série de fatores entre os quais, de que não entenderam a questão, pouco interesse nas respostas e outros.

Tabela VIII - A escola dá a você condições para discutir abertamente sobre sexualidade humana.

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Não	72	61,02%
Sim	38	32,20%
Não responderam	8	6,78%
Total	118	100,00%

Dessa amostra 72 entrevistados responderam "não"; 32 responderam que a escola não dispõe de material; 28 disseram que a escola não dispõe de pessoas preparadas e 12 afirmam que há falta de diálogo entre professores e alunos.

Os que responderam que a escola "não dispõe de material" não entenderam muito bem a questão, pois para discutir esse assunto é somente necessário observar e analisar sua realidade e de outras pessoas. Ex.: aborto, casamento, virgindade, homossexualismo e outros.

As respostas negativas restantes, realmente estão mais condizentes com a nossa realidade pois a falta de preparo e diálogo é o que mais prejudica o relacionamento entre professores e alunos.

Entre os 38 alunos que disseram "sim"; 16 responderam através de diálogo, 12 responderam através de vídeo e 10, através de livros e revistas.

Os que acham que é através do diálogo, há uma clara demonstração que essa é ainda a melhor forma de aprendizagem, desde que bem orientada.

Os demais que responderam através de vídeos, livros e revistas ainda não entenderam que isto é apenas um apoio e não uma forma de compreenderem melhor.

Oito entrevistados não tinham opinião formada.

Tabela IX - Na sua opinião, a educação sexual deve ser abordada nas escolas:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Sim	114	96,61%
Não	4	3,39%
Total	118	100,00%

Dentre os informantes, 114 responderam "sim"; 65 acham que é necessário para sua orientação e informação; 35 disseram que eles têm vergonha de conversar com os pais; 14 responderam que na rua, se aprende de uma maneira errada.

A grande maioria quer que esse assunto seja abordado em sala de aula, o que demonstra que não há entre pais e filhos um diálogo franco sobre o assunto. Eles têm carência de informação e orientação.

Pelos dados obtidos observa-se que, apesar de muitas vezes acharem que o professor não está preparado, mesmo assim confia-se mais nas informações obtidas em sala de aula do que com pais e amigos.

Pelo pequeno número de respostas negativas pode-se observar que realmente ainda há confiabilidade na figura do professor.

Tabela X - Na maioria das vezes, quando surge alguma dúvida sobre sexo, onde, com quem, costuma saná-las:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Com os pais	35	29,66%
Irmãos ou amigos	14	11,87%
Professores	18	15,25%
Livros e revistas	30	25,42%
Com pais e professores	17	14,41%
Não responderam	4	3,39%
Total	118	100,00%

Em relação aos pais, percentualmente, empata com livros e revistas, o que se leva a concluir que ler, equivale a perguntar-lhes abertamente sobre suas dúvidas.

Numericamente pais e professores obtiveram maior preferência para sanar dúvidas surgidas durante a adolescência.

Quatro alunos não se manifestaram.

Tabela XI - A sociedade e os meios de comunicação influenciam de que maneira na vida sexual:

Perguntas Respostas	Escore	Percentual
Negativa	63	53,39%
Positiva	45	38,13%
Não responderam	10	8,48%
Total	118	100,00%

Dentre os 63 entrevistados que responderam "negativamente", 31 atestam que a imagem do sexo é distorcida através de filmes pornográficos, 8 acham que influencia através de livros e revistas e 24 disseram que os meios de comunicação não mostram a realidade.

Os filmes pornográficos foram os mais comentados quanto a má influência sobre os costumes sexuais (31 alunos). 8 alunos responderam que revistas e livros influenciam de forma negativa.

Dentre os informantes, 24 acham que ocorre choque de valores culturais entre a liberalidade dos meios de comunicação e o conservadorismo das famílias.

45 entrevistados responderam na forma "positiva", 10 afirmam que alerta contra as doenças; 12 que informam sobre a prevenção; 15 acham que a televisão e filmes ajudam, no sentido de esclarecer e 8 responderam que possibilitam na quebra de tabus.

Os 45 que responderam de forma positiva, acham que os meios de comunicação, principalmente a televisão, ajudam a esclarecer dúvidas e na prevenção de doenças, através de campanhas educativas. Outros acham que através dos filmes há quebras de muitos tabus, que não são aceitos por suas famílias, muitas vezes devido à falta de esclarecimentos.

Dos entrevistados, 10 não emitiram opinião.

Tabela XII - O que é preciso para que a Educação Sexual dada na escola atinja seus objetivos:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Aulas de vídeo	48	40,68%
Palestras e debates	24	20,34%
Aulas claras e objetivas	18	15,25%
Conscientização deles próprios	18	15,25%
Não responderam	10	8,48%
Total	118	100,00%

Dessa amostra, 48 alunos acham que vídeo é a melhor maneira de se aprender sobre o assunto.

As palestras e debates foram escolhidas por 24 alunos, como modo ideal para que esses objetivos sejam aceitos. Contudo na maioria das vezes estas palestras são ministradas, principalmente por médicos ginecologistas e são usados termos mais técnicos. Somente pelo fato de ser um médico, muitas vezes o aluno acha que o assunto foi bem esclarecido mesmo que não tenha entendido.

Maior clareza e objetividade para tratar do assunto são pontos de vista manifestados por 18 alunos. Eles querem que se vá direto ao assunto e não se use subterfúgios, muitas vezes ocasionados pela falta de preparo do professor, por preconceitos e por receios para se tratar sobre esses temas.

A conscientização é um fator que foi citado por 18 entrevistados para que estes objetivos sejam alcançados. Para muitos falta maturidade para que assimilem o assunto, por exemplo:

brincadeiras, ironias, malícias são comportamentos presentes entre alguns alunos quando essas aulas estão sendo ministradas.

Dez alunos se omitiram sobre a questão.

Tabela XIII - Como você vê o papel de sua escola na prevenção de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, em especial a AIDS:

Resultados Respostas	Escore	Percentual
Negativa	85	72,03%
Positiva	26	22,04%
Não responderam	7	5,93%
Total	118	100,00%

Dentre os entrevistados, 85 alunos vêem de maneira "negativa", 16 disseram que não há prevenção; 45 acham que há prevenção e esta é insuficiente; 24 disseram que há pouca divulgação.

Devido ao grande número de alunos com respostas negativas, há necessidade em repensar sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis pelos professores do Colégio Estadual Barão de Antonina. É um assunto que deverá ser abordado em todas as áreas de ensino, não ficando só nas específicas (Ciências e Biologia), para que haja um bom entrosamento. Todo o corpo docente pode e deve participar de uma forma ou de outra.

Dos informantes, 26 vêem de forma "positiva", 10 atestam pela divulgação através de cartazes; 16 disseram através de palestras.

A prevenção das doenças transmissíveis está sendo realizada somente através de cartazes e palestras, ainda que é muito pequeno o número de alunos que lembra sobre isto. Esses dados refletem que há necessidade de maior divulgação sobre o assunto.

Sete alunos não responderam.

6.0 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 - CONCLUSÕES

Essa pesquisa de levantamento buscou diagnosticar a realidade de alunos da 1ª série do 2º grau no que concerne à visão sexualidade, pois esse tema é abordado na disciplina de Ciências Físicas e Biológicas no ensino de 1º grau.

Verificou-se que a abordagem desse tema naquele nível de ensino pelos professores é superficial, e não atende aos anseios e necessidades dos educandos, pois além da fragmentação dos conteúdos, o que impede uma visão de totalidade do tema, o professor pela sua formação e falta de leitura sobre o assunto, omite dados psicossociais ficando apenas na análise biológica (morfologia e fisiologia).

Portanto, isso contribui para que ocorra uma desinformação do assunto pelos educandos, fato esse observado na pesquisa através de respostas evasivas e carentes da informação científica necessária para compreensão de seus papéis na sociedade.

Constata-se que há uma falta de diálogo entre professor e alunos, sendo que o primeiro se preocupa somente com o "ato de falar sobre o tema" mas não o de o articular com a realidade do aluno, ouvindo-o e esclarecendo suas dúvidas.

Fatores como o tempo, número de aulas, excesso de conteúdos contribuem também para a omissão do tema no ensino de 1º

grau.

Percebe-se, pela análise dos dados, que a Escola está deixando de cumprir o seu papel, delegando aos meios de comunicação (televisão, jornais, revistas) o papel de informar, sendo que, muitas vezes, estas informações estão pautadas em ideologias e também induzem os jovens a relacionar a sexualidade com o consumismo, griffes e estereótipos.

Dessa forma o que se verifica é o descaso da escola para temas como a sexualidade, o que também induz a formular conceitos voltados ao senso comum e manter valores errôneos e deturpados.

Ao abordar em seus conteúdos de Ciências os aspectos biopsicossociais da sexualidade, a escola certamente estará contribuindo para uma melhor compreensão do mundo do educando, o que facilitará uma continuidade a nível de 2º grau, onde os alunos já são, na sua maioria, adolescentes e que já vivenciaram a sexualidade no seu cotidiano através de namoro, relações heterossexuais ou homossexuais, amizades íntimas, conflitos familiares e sociais, aumento da curiosidade sexual, masturbação e outros. O preço da omissão é caro, pois os alunos entrevistados mostram-se descontentes. O reflexo de toda esta problemática está na gravidez durante a adolescência, nas taxas crescentes de abortos, casamentos precoces, o aumento da frequência de doenças sexualmente transmissíveis, como também a síndrome da imunodeficiência adquirida - AIDS; o uso de anticoncepcionais indiscriminadamente e sem controle médico, entre outros.

Conclui-se pois, que é preciso que professores, direção e especialistas revejam o currículo oferecido e que esse currículo esteja voltado às prioridades do aluno, para que o mesmo receba informações claras e precisas, quer nas aulas específi-

cas, quer em palestras ou debates.

No contexto atual, compete à escola o papel de "agente" de informações, o que lhe confere uma certa responsabilidade sobre a sexualidade. É necessário que haja uma linha mestra - a filosofia de vida - e uma integração total e harmônica, entre pais e professores. Assim é possível apresentar a sexualidade como realmente é: função e órgão que devem formar um todo com a pessoa, estar harmonicamente integrada na personalidade.

6.2 - RECOMENDAÇÕES

Recomendamos a quem desejar pesquisar este tema em maior profundidade, que realize pesquisa junto a professores, especialistas e diretores quanto a maneira deles verem a Educação Sexual nas disciplinas.

7.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AJURIAGUERRA, J. Evolução da sexualidade e distúrbios psicosssexuais na criança. In: _____. Manual de psiquiatria infantil. 2ed. rev. ampl. São Paulo: Atheneu, s.d. p.357-422.
2. BARROSO, C. Sexo: a escola deve abrir o debate. Jornal do Professor de 1º grau. Brasília, 10:4-5, mar. 1988.
3. BERGERON, G & BERGERON, H. Ensinando o amor às crianças. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. 103p.
4. BUSCAGLIA, L. Amor: um livro maravilhoso sobre a maior experiência da vida. 12ed. Rio de Janeiro: Record, 1972. 160p.
5. COSTA, M. Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento. 6ed. Porto Alegre: L & PM, 1986. 176p.
6. DOIS PONTOS. Belo Horizonte, v.2. nº 10. Dez. 1989. p.7-36.
7. FREUD, S. Edições standart brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. 311p.
8. GOODSSELL, J. Sexo e sexualidade. In: Sexo e casamento: seleções do Reader's Digest. Rio de Janeiro: Ypiranga, 1970. p.6.
9. LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 619p.
10. MASTERS, W. & JOHNSON, V.E. Sexo e sexualidade. In: Sexo e casamento: seleções do Reader's Digest. Rio de Janeiro: Ypiranga, 1970. p.7.
11. MALDONADO, M.T. Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir. 5ed. Petrópolis: Vozes, 1984. 168p.
12. MIELNIK, E. Educação sexual na escola e no lar. São Paulo: Ibrasa, 1986.
13. MIOTTO, A. et alii. Como responder aos seus filhos. Rio de Janeiro: Empresa Industrial de Fotolitografia, 1976. 32p.

14. NOVÍSSIMA ENCICLOPÉDIA DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL. Intimidade. s.n.t. 200p.
15. NOVÍSSIMA ENCICLOPÉDIA DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL. Intimidade. s.n.t. 144p.
16. OOMEN, S. As crianças crescem. Caxias do Sul: Paulinas, 1972. 194p.
17. ORTH, E. Educação sexual da criança. 12ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 61p.
18. ROBINSON, C. & ROBINSON, L. Educação sexual e conjugal. São Paulo: Loyola, 1973. 215p.
19. ROSA, M. Psicologia evolutiva. 7ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 134p.
20. SALK, L. O que toda criança gostaria que seus pais soubessem. Rio de Janeiro: Record, 1972. 202p.
21. SEQUEIRA, F. Filhos: informação sexual. São Paulo: Quadrante, 1986. 56p.
22. SILVA, D.B.P.da. Vida e felicidade em família. São Paulo: Paulinas, 1989. 195p.
23. SOUZA, R.P. et alii. A criança, a família e a escola. 2ed. Porto Alegre: Globo, 1980. v.3.
24. SOUZA, R.P. Sexualidade na adolescência. In: SOUZA, R.P. & MAAKAROUM, M.F. Manual de adolescência. s.l.: Serviço de Informação Científica Nestlé, 1989. p.53-8.
25. SOUZA, H.P.de. Convivendo com seu sexo: pais e professores. São Paulo: Ágara, 1986. 111p.
26. TOCKUS, R.B. Sexualidade nos dias de hoje: o sexo sem preconceitos. São Paulo: Paulinas, 1991. 381p.
27. VASCONCELLOS, J.L. & GEWANDSZNAJDER. Programas de saúde. São Paulo: Ática, 1989.

COLÉGIO ESTADUAL BARÃO DE ANTONINA - MAFRA - SANTA CATARINA

SEXO: () Masculino () Feminino

IDADE:

SÉRIE: GRAU: TURMA:

PERÍODO: DATA: .../.../.....

1. Relacione os órgãos que compõem o aparelho reprodutor masculino: _____

2. Relacione os órgãos que compõem o aparelho reprodutor feminino: _____

3. Como se chama o gameta masculino (♂) e onde é produzido?

4. Como se chama o gameta feminino (♀) e onde é produzido?

5. O que é fecundação e onde ocorre?

6. Como se adquirem as doenças transmitidas sexualmente?

7. A Escola fornece a você subsídios para uma educação sexual plena? Explique.

8. A Escola dá a você condições para discutir abertamente sobre a sexualidade humana? Explique.

9. Na sua opinião, a educação sexual deve ser abordada nas Escolas? Explique.

10. Na maioria das vezes, quando surge alguma dúvida sobre sexo, onde, com quem, costuma saná-las?

11. A sociedade e os meios de comunicação influenciam de que maneira na vida sexual?

12. O que é preciso para que a educação sexual dada na Escola atinja seus objetivos?

13. Como você vê o papel de sua Escola na prevenção de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, em especial a AIDS?

